

secreta, nenhuma explicação racional. O relatório da Gestapo concluía como "um caso inexplicável". O indivíduo tinha desaparecido sem deixar vestígios (*spurlös*, em alemão), tal como se estivesse num navio afundado pela marinha de guerra alemã.

Para aqueles que não conhecem a "Lyon dos Mistérios", a estória parece muito bonita. Para um lionês, ela não tem nada de espantoso. É a vida cotidiana de uma cidade mais misteriosa do que o Tibete.

Eu próprio sou lionês adotivo, e algum dia contarei algumas estórias lionesas em que ninguém acreditará.

Todavia, acredito que o interesse desta lenda é o fato de ser uma manifestação bem moderna (1944) de uma noção muito antiga e reconfortante; ou seja, a de que a humanidade não está sozinha, e tem um protetor.

Encontramos esta noção da história mais distante, nos mitos mais antigos. É preciso não confundi-la com a noção da vinda do Messias, que deve significar o fim dos tempos, e que os cristãos chamam de parusia.

O Protetor, em compensação, está no tempo, na História, e interviria para impedir as catástrofes e defender a humanidade. Este é o mito que está na base da cavalaria e foi parodiado por Cervantes. Este mito é que constitui o segredo dos Templários, que se consideravam como representantes diretos do Protetor.

Na literatura, este mito foi, bem entendido, explorado e quase sempre com muita genialidade. Dois exemplos deste gênero, todos dois escritos por celtas, são *La Ville du Gouffre*, de Arthur Conan Doyle, e a trilogia de C. S. Lewis: *Le Silence de la Terre*, *Pelandra* e *Cette Force Hideuse*.

Nos mitos, vemos a aparição do Protetor desde os sumérios até o Cavaleiro Branco de nossa época.

Na América do Sul, onde é branco, ruivo e com um nariz adunco de semita, é quase sempre descrito como oriundo das estrelas. Na tradição judaica, proclama-se Mestre do Nome e sua última encarnação histórica é Sabataï Zvi, no século XIX.

O primeiro nome que se dá ao Protetor é Gilgamesh. Sob esta forma, a lenda é certamente sumeriana e remonta, talvez, até mais longe. Encontramos aí algumas notações bastante curiosas. Uma versão completa, descoberta pelos arqueólogos na biblioteca de Assurbanipal, data do terceiro milênio antes de Jesus Cristo, contudo conhecem-se outras incompletas e mais antigas, e não é exagero estimar em oito mil anos a lenda de Gilgamesh. Este é apresentado de uma maneira curiosamente aritmética: ele é dois terços deus e um terço homem. Será que se trata de um código genético e de uma ascendência extraterrestre? Temos o direito de formular esta pergunta. Em todo caso, ele é eterno. Atravessa os oceanos e traz, de um outro mundo que, geograficamente, é um dos dois continentes americanos (norte ou sul, não é possível determinar), a história do Dilúvio Universal. Encontra um ancião que sobreviveu ao Dilúvio chamado Ut-napish-tim. Este revela a Gilgamesh o segredo da imortalidade que, é claro, está ligado à água e, mais precisamente, ao oceano.

"Não há nada de eterno sobre a Terra, mas nas profundezas do mar existe uma árvore que se parece com o espinheiro e, se um homem chega a se aproximar dela e provar um dos seus frutos, reencontrará a juventude."

Gilgamesh se tornará eterno e intervirá, durante todo o transcorrer da história da humanidade, em sua defesa. Encontramos este personagem em todas as tradições humanas, sob outras denominações e descrições.